

Processo de catalogação de coleção de clichês tipográficos da Gráfica Manimbu

*Proceso de catalogación de la colección de clichés tipográficos de Gráfica
Manimbu*

*Cataloguing the collection of typographic engraving blocks from Manimbu printing
house*

Helena Rugai Bastos, Elizabeth Romani, Leticia de M. Vieira, Samuel S. Mariano da Silva

tipografia, clichês tipográficos, memória gráfica, catalogação

O artigo apresenta parte do processo de organização e de catalogação do conjunto de clichês tipográficos proveniente da Gráfica Manimbu da Fundação José Augusto, instituição vinculada ao governo do Rio Grande do Norte. Esta coleção de clichês, juntamente com conjunto de tipos móveis de metal, foi transferida para o Departamento de Design da Universidade Federal do Rio Grande do Norte a partir de doação, quando a Gráfica Manimbu encerrou suas atividades. O estudo integra um projeto de pesquisa maior, que busca a organização e a documentação de acervo tipográfico, salvaguardado no Laboratório-Oficina do Departamento, em prol da preservação e valorização da memória gráfica potiguar.

tipografía, clichés tipográficos, memoria gráfica, catalogación

El artículo presenta parte del proceso de catalogación de un conjunto de clichés tipográficos de la Gráfica Manimbu de la Fundación José Augusto, institución vinculada al gobierno de Rio Grande do Norte. Esta colección de clichés, junto con un conjunto de tipos móviles metálicos, fue transferida al Departamento de Design de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte tras su donación, cuando la Gráfica Manimbu cerró. El estudio forma parte de un proyecto de investigación más amplio que pretende organizar y documentar el acervo tipográfico conservado en el Laboratorio-Taller del Departamento, con el fin de preservar y valorizar la memoria gráfica de Rio Grande do Norte.

typography, typographic engraving blocks, graphic memory, cataloguing

The paper describes part of the cataloguing process of a collection of typographic engraving blocks from the Manimbu Printing House, an institution affiliated to José Augusto Foundation and to the state of Rio Grande do Norte. This collection, with a set of metal movable type, was transferred to the Design Department of the Federal University of Rio Grande do Norte, when Gráfica Manimbu closed down. The study is part of a larger research project that aims to organise and document the typographic collection stored in the Department's Laboratory, in order to preserve and enhance Rio Grande do Norte's graphic memory.

1 Introdução

O estudo apresentado faz parte de uma pesquisa maior, que objetiva a organização de acervo tipográfico salvaguardado no Laboratório-Oficina do Departamento de Design da Universidade Federal do Rio Grande do Norte [DDGN/UFRN], em prol da preservação do patrimônio cultural potiguar e da história dos processos de produção gráfica. A perspectiva maior é o estudo da memória gráfica norte-rio-grandense, a partir do resgate de técnicas de reprodução tradicionais como a impressão por meio de tipos móveis e de clichês tipográficos desenvolvidas em oficinas tipográficas.

Este artigo descreve parte do processo de catalogação da coleção de clichês tipográficos proveniente da Gráfica Manimbu da Fundação José Augusto [FJA], entidade vinculada ao governo do Rio Grande do Norte [RN] responsável pela gestão artística e cultural do Estado. A coleção de clichês, composta por cerca de 200 peças, juntamente com o conjunto de tipos móveis de metal, foi doada para o DDGN/UFRN, quando foi desativado o setor de impressão tipográfica da Gráfica Manimbu.

Considerando o objeto e os objetivos do estudo, o artigo apresenta, para além do referencial teórico e metodológico que embasaram a pesquisa, a descrição de parte do processo de organização e de catalogação do acervo. O processo de organização das informações deve possibilitar o acesso aos dados e, a partir dos aspectos e dos elementos descritos nos instrumentos desenvolvidos para a sistematização da informação, a pesquisa deve contribuir para a compreensão sobre as técnicas de impressão tipográfica e seu desenvolvimento histórico. A investigação está em andamento e algumas etapas estão em desenvolvimento para posterior apresentação de resultados conclusivos.

2 Contextualizando o estudo

A primeira etapa da investigação considerou a revisão bibliográfica sobre temáticas que estabeleceram a fundamentação teórica da pesquisa. Os itens que seguem apresentam o quadro teórico de referência.

A pesquisa e a memória gráfica brasileira

No Brasil muitas das pesquisas que abordam temáticas relacionadas com técnicas de impressão tradicionais - como a tipografia -, e a produção de artefatos gráficos efêmeros, podem ser associados à memória gráfica brasileira e a história do design gráfico no país. Esta linha de investigações propõe a valorização destas manifestações visuais, buscando um “sentido de identidade local através do design” (Farias, 2016, p. 61). Farias estabelece a relação entre cultura visual, cultura da impressão e tipografia, este último termo apresentado, em sentido estrito ou amplo, como “elemento da memória gráfica” (2016, p. 57). Isso pode ampliar a noção sobre design gráfico e sobre a tipografia contribuindo para a compreensão mais ampla e contextualizada sobre a produção de artefatos visuais.

Ao ampliar a análise sobre a memória gráfica, Farias e Braga (2018, pp. 9-28) expõem reflexões sobre a articulação entre este campo da memória gráfica e outros campos de estudo como a cultura visual, a cultura da impressão, a cultura material, a memória coletiva e a história do design gráfico. Com esta perspectiva, os autores propõem uma categorização de investigações de pesquisadores latino-americanos. Definem, assim, cinco linhas de estudo sobre a memória gráfica: cultura visual, cultura da impressão, cultura material, memória coletiva e história do design gráfico.

Ao considerar o estudo aqui apresentado e a exposição de Farias e Braga (2018), a compreensão sobre “técnicas de reprodução gráficas e sua inserção em uma cultura do profissional das artes gráficas e do design gráfico” (Farias & Braga, 2018, p.15) faz parte da linha de estudos sobre cultura da impressão. As linhas de estudo, porém, não são estanques e não estabelecem fronteiras rígidas. Assim, é possível estabelecer articulações com outras linhas de estudos sobre memória gráfica.

Tipografia e clichês tipográficos

O desenvolvimento de processos de impressão por meio de tipos móveis é considerado um marco na história, e impactou não apenas os processos produtivos como também o registro e a circulação de informações. São atribuídos a Johannes Gutenberg a invenção da prensa de tipos móveis e o desenvolvimento das técnicas de impressão tipográfica no século XV. Não obstante, a impressão por meio de caracteres móveis e de matrizes com imagens e ornamentos ocorreu na China e no leste asiático, séculos antes, processo esse que se desenvolveu igualmente na Ásia Central e na Europa (Febvre & Martin, 2017; Carter, 1955). A partir da introdução e do desenvolvimento desse processo de impressão foi possível a reprodução em larga escala com redução significativa de tempo e de custos na produção de livros, periódicos, documentos, entre outros (Febvre & Martin, 2017; Carter, 1955; Almeida & Farias, 2010).

A impressão tipográfica inclui a reprodução de textos, ornamentos e imagens, por meio de tipos móveis e de clichês tipográficos. De acordo com o manual publicado pela Luiz Latt & Cia (1939), empresa que produzia clichês e autotipias nos anos 1930 no Rio de Janeiro, o processo de impressão por meio de clichês se caracteriza como “reprodução tipográfica de fotografias, desenhos, caracteres de fantasia ou vignêtas se faz com o auxílio de ‘clichês’, - chapas de metal, - cuja superfície polida apresenta, em sentido inverso, todos os pontos em relevo que devam deixar impressão no papel” (p.6, grafia original). O manual (1939) distingue dois tipos de clichês - a traço e autotipia. Segundo Porta (1958, p.80), o clichê a traço é um “clichê de fotogravura, no qual a imagem é formada por linhas e superfícies contínuas, como nos desenhos a tinta, sem as gradações ou meios-tons que só se podem obter com auxílio da retícula”. A autotipia é um “processo de produção fotomecânica, em que o original, focado através de uma retícula de vidro ou outro meio que decompõe a imagem em pontos, dá na impressão tôdas as gradações de sombra e de luz, como numa fotografia comum” (Porta,

1958, p.33, grafia original). Nos dois casos a placa metálica é fixada em um bloco de madeira (taco).

O clichê foi amplamente utilizado para reprodução de elementos iconográficos, marcas de instituições, empresas e entidades, símbolos, ilustrações e desenhos, composições para a identificação de origem ou propriedade de publicações (*ex-libris*) em muitos artefatos gráficos, em especial em período em que outras técnicas de impressão e de reprodução ainda não tinham sido implantadas em todas as editoras e gráficas.

No RN as oficinas tipográficas ainda produziam livros e efêmeros nos anos 1990 (Lopes Neto et al., 2019). Não obstante, a partir do final da década de 1990, de acordo com Lopes Neto et al. (2019), paulatinamente tais oficinas foram desativadas ou iniciaram a substituição de sistemas e tecnologias de produção gráfica. Nesse processo, os autores expõem que parte dos equipamentos e materiais gráficos foram perdidos, acabaram esquecidos ou foram vendidos. Nesse sentido, a constituição e a preservação de acervos são importantes para a memória, para a história e para reconhecimento e valorização da identidade local e/ou nacional. Com este intuito, os pesquisadores envolvidos na pesquisa sobre memória gráfica potiguar têm dedicado esforços para adquirir e preservar equipamentos, peças e coleções, para montar um acervo composto por artefatos relacionados com processos de reprodução tradicionais no Laboratório-Oficina do DDGN/UFRN. Uma das aquisições foi a coleção de clichês tipográficos e o conjunto de tipos móveis de metal da Gráfica Manimbu.

A FJA, a Gráfica e os clichês tipográficos

A Fundação José Augusto (FJA) foi criada em 1963 no governo Aluísio Alves como uma instituição cultural e para o ensino superior. Até meados dos anos 1970 a FJA cumpriu uma função essencialmente educacional, reunindo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, o Instituto Juvenal Lamartine de Pesquisas Sociais, o Museu de Arte e História do Rio Grande do Norte e a Biblioteca Pública do Estado. A partir de 1974 as Faculdades foram transferidas para a UFRN, e a entidade passou a se dedicar às políticas culturais e artísticas do Estado (Fundação, 2004).

Atualmente, a FJA é vinculada à Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer e está localizada em Natal, capital norte-rio-grandense. Como órgão estadual a entidade gerencia o Fundo Estadual de Cultura, programas permanentes de apoio à cultura, além de administrar grupos artísticos e cerca de 49 equipamentos culturais, dentre eles a Gráfica Manimbu (Fundação, 2023).

A Gráfica Manimbu, criada em 1965, atendia à demanda de serviços gráficos da FJA, apoiava as ações culturais, especificamente a produção de publicações subsidiadas pela FJA e projetos artístico-culturais do RN. Algumas referências apontam que a gráfica também foi utilizada para a publicação de algumas edições do jornal-laboratório **Extra** da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza (Melo, 1987). Em meados dos anos 1970, a Manimbu passou a contar com impressora offset, maquinário de prelo e equipamentos para acabamento. Não obstante, até o início dos anos 2010 ainda imprimia materiais nos equipamentos tipográficos

(Memórias, n.d.). A partir de então, o setor foi desativado, os equipamentos foram sendo doados e alguns materiais, como gavetas de cavaletes com tipos móveis de metal, clichês tipográficos, foram armazenados. Este material foi transferido para o DDGN/UFRN no início dos anos 2020, o que motivou o delineamento de ações e de pesquisas, que contemplam a organização de um acervo tipográfico salvaguardado na Instituição.

Considerações sobre o desenho da pesquisa

Trata-se de um estudo qualitativo e, com base nos objetivos propostos e nos procedimentos técnicos adotados para coleta de informações, tem caráter descritivo. Admitindo a flexibilidade das tipologias de investigação, parte do processo se deu a partir da investigação e da exploração da organização e da apresentação das informações. Nesta perspectiva, a pesquisa se aproxima de estudos de caráter exploratório (Gil, 2022).

A investigação de natureza aplicada se deu, num primeiro momento, a partir da revisão bibliográfica sobre documentação museológica e gestão de acervos, memória gráfica, processos de reprodução tipográfica, clichês tipográficos, organização, classificação e catalogação de acervos tipográficos. Por se tratar de estudo que abrange o processo de organização e de catalogação da coleção de clichês tipográficos doados pela Gráfica Manimbu, foram analisados artefatos que não passaram por tratamento analítico científico. Assim, o estudo se valeu da pesquisa documental (Gil, 2022).

Para a definição do termo documento são considerados os diversos artefatos que possuem elementos e registros de informação. Na pesquisa documental tais artefatos são analisados e deles são extraídas informações sobre seus atributos, suas propriedades e características materiais (Padilha, 2014). Além disso, é possível extrair informações que contextualizam este documento em tempo e espaço, o que inclui sentidos e significados relacionados ao uso, ao comportamento, aos hábitos de uso e ao mundo social, aspectos que contribuem para a construção de conhecimento (Padilha, 2014, p.13).

Para a constituição de um acervo os artefatos devem “passar por uma investigação que vise à sua identificação com a missão da instituição” (Padilha, 2014, p. 19). Considerando o acervo em estudo, a formação na área do design envolve conhecimento histórico sobre o campo e o domínio de técnicas e processos gráficos. Além disso, deve-se levar em conta o tripé que constitui as universidades – o ensino, a pesquisa e a extensão -, e os propósitos relacionados à construção e à valorização do conhecimento, citando apenas alguns.

Os acervos são compostos por coleções de documentos/artefatos com alguma característica comum, todos eles identificados e documentados (Padilha, 2014). Padilha (2014) revela que no processo de documentação dos artefatos destacam-se “a seleção, a pesquisa, a interpretação, a organização, o armazenamento, a disseminação e a disponibilização” (p. 35). A autora apresenta os elementos que fazem parte deste processo: Livro Tombo¹; arrolamento ou

¹ Em geral em formato de caderno brochura para registrar os artefatos que pertencem ao acervo, como forma de identificação preliminar e para o controle das peças que entram ou saem do acervo (Padilha, 2014, p.39)

inventário²; numeração e marcação dos artefatos; instrumento de catalogação (Padilha, 2014, pp. 38-53).

Sobre métodos e processos de análise, organização e catalogação de artefatos tipográficos e de documentação iconográfica, verificam-se pesquisas realizadas por estudiosos no Brasil, muitas articuladas ao campo da memória gráfica. Parte delas serviram de referência para esta investigação: Farias (2008); Farias (2016); Cardoso (2018); Aragão (2010); Aragão (2016); Aragão et al. (2012); Almeida & Farias (2010); Strazzi et al. (2015). Durante o levantamento de referências, porém, observou-se pouco material sobre catalogação de clichês tipográficos, portanto os métodos, os processos e os instrumentos foram adaptados, levando em conta a documentação museológica em estudos como: Padilha (2014); Arquivo Nacional (2005); Cunha e Cavalcanti (2008).

Este artigo descreve parte do processo de organização para a catalogação da coleção de clichês, para a posterior constituição de acervo de artefatos gráficos, considerando, sobretudo, técnicas tradicionais de impressão e de reprodução. O acervo está sendo organizado no Laboratório-Oficina vinculado ao Bacharelado em Design e ao DDGN/UFRN. A pesquisa está em andamento, assim, nem todas as fases foram concluídas. Segue a descrição dos processos relacionados à organização e parte da catalogação da coleção de clichês.

Procedimento metodológico

O processo de organização da coleção de clichês tipográficos da Gráfica Manimbu se deu em três fases:

Tabela 1: Fases do processo

Macro fase	Etapas	Descrição das micro etapas
1 Fundamentação	Revisão bibliográfica	Documentação museológica/gestão de acervos Memória Gráfica Brasileira Processo de produção tipográfica; clichês; organização e classificação de acervos tipográficos
2 Organização	Estado de conservação	Avaliação Registro fotográfico
	Higienização	Limpeza Registro fotográfico Avaliação do estado das peças
	Documentação preliminar	Registro fotográfico Impressão tipográfica Avaliação do material Digitalização do material
	Arrolamento/inventário	Listagem Identificação preliminar

² Ação para a contagem, listagem, primeiro reconhecimento dos artefatos do acervo para posterior numeração e marcação no objeto.

		Classificação preliminar
3 Sistematização	Identificação/reconhecimento	Identificação e reconhecimento das imagens dos clichês Verificação das categorias
	Numeração	Codificação preliminar
	Instrumento de registro	Estudo e desenvolvimento das fichas de catalogação

Considerando as etapas e os procedimentos de trabalho, as etapas 2 e 3 foram adaptadas de Aragão (2010, 2016), Aragão et al. (2012) e Padilha (2014). Segue a descrição destas etapas.

Estado de conservação

- Avaliação da condição do acervo de clichês e registro fotográfico: para compreender o estado de conservação de cada um dos clichês tipográficos. Foi realizado um diagnóstico de armazenamento dos clichês e da condição das peças que compõem o acervo. O processo foi fotografado.

Higienização

- Limpeza: foi realizada com o auxílio de pincéis macios, e o uso de máscaras e luvas.
- Registro fotográfico do processo.
- Avaliação do estado das peças: identificando avarias nos clichês.

Documentação preliminar

- Registro fotográfico: critérios para o registro foram estabelecidos, visando nitidez para observação, análise do material, comparação e correlação com a impressão dos clichês. Os artefatos foram fotografados em alta resolução, por meio de câmera de celular, em vista superior (eixo vertical, paralelo aos clichês) sobre fundo branco.
- Impressão tipográfica: para garantir maior fidelidade da reprodução da imagem, optou-se por imprimir os clichês em impressora tipográfica. O material foi impresso nos equipamentos do Museu da Imprensa Oficial Eloy de Souza do Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte [DEI/RN]. A impressão foi realizada com auxílio do servidor do DEI/RN, o impressor Valdeci Correia dos Santos.
- Avaliação do estado das peças: as impressões foram analisadas e foram detectadas avarias nas peças. Alguns clichês precisaram ser impressos novamente, em prelo, ajustando com apoio de calços e a pressão de decalque.
- Digitalização dos impressos: os impressos foram digitalizados em escala de cinza e P&B, em alta resolução pelo scanner Epson L3250, e organizados em pasta no Google Drive.

Arrolamento/inventário

- Listagem: foi desenvolvida a listagem em planilha para prévia numeração dos clichês.
- Identificação preliminar: incluiu a medição das peças, atributos materiais e para separar o conjunto por tipologia de clichê. Foi necessário analisar as categorias dos clichês por temática, por tipo de imagem e ocorrência.
- Classificação preliminar: a partir da identificação preliminar, foram estabelecidas, em função das ocorrências verificadas, as categorias: brasão; marca gráfica; logotipo; monograma; símbolo; ilustração; foto/autotipia; não identificados.

Identificação/reconhecimento

- Identificação e reconhecimento das imagens dos clichês: para nomear empresas, entidades, para identificar prováveis usos e função dos clichês.
- Verificação das categorias: para prováveis ajustes e subdivisões.

Numeração

- Codificação preliminar: a partir de código alfanumérico, estrutura tripartida para facilitar subdivisões das categorias de clichês e a identificação de outras coleções do acervo.

Instrumento de registro

- Estudo e desenvolvimento das fichas de catalogação: foram desenvolvidos alguns modelos, levando em conta as recomendações observadas em Padilha (2014) e as adequações necessárias para os artefatos específicos.

Como observado anteriormente, a pesquisa está em andamento. Assim, o processo está em constante aprimoramento.

3 Resultados e discussão

Os clichês tipográficos foram transferidos da Gráfica Manimbu para o DDGN/UFRN sem cuidado prévio de conservação. Quando a gráfica desativou o setor de tipografia, os clichês foram armazenados em uma caixa de papelão, sem organização; as peças estavam umas sobre as outras, o que pode ter comprometido a qualidade do relevo. Ademais, as peças estavam sujas e, em razão da umidade, algumas apresentavam corrosão. Foi observado, também, avarias nos tacos de madeira, alguns quebrados e danificados.

Observando o estado do conjunto de clichês tipográficos, verificou-se a falta de cuidado no armazenamento deste material, o que pode ser reflexo da desatenção em relação ao patrimônio cultural e histórico e à preservação da memória da indústria gráfica e da imprensa locais. Perde-se, assim, parte da história, da cultura material, da identidade e da memória do RN. As imagens aqui reproduzidas foram capturadas pelos autores.

Figura 1: Armazenamento dos materiais.



Figura 2: Estado originário de clichê armazenado no depósito da FJA.



Entretanto, levando em conta o material de fabrico de clichês e o processo de impressão em máquinas tipográficas, durante os anos de uso do clichê, a chapa metálica tende a se soltar e o bloco de madeira (taco) se estraga. Isso acontece em decorrência da pressão exercida no clichê durante o processo de transferência da tinta para o papel. É este tipo de desgaste pelo uso recorrente, que parte dos clichês danificados apresenta.

Em função do estado dos artefatos, o processo de limpeza foi bastante cuidadoso. Para tal foram utilizados pincéis com cerdas macias e de trincha pequena, o que permitiu retirar a sujeira de pó sem danificar a chapa metálica. Como supracitado, alguns clichês apresentavam pontos de oxidação, mas, optou-se em não remover a oxidação com produtos químicos de maneira a conservar os desenhos gravados. As chapas metálicas parcialmente soltas foram reparadas com cola de madeira e foram consertadas as bases de compensado naval. Após a limpeza dos clichês, provisoriamente as peças foram armazenadas lado a lado em caixas plásticas tipo arquivo para evitar sobreposições e danos às peças.

Figura 3: Clichê Brasão de Natal antes e depois da limpeza.



Figura 4: Clichê Profied antes e depois da limpeza.



O processo de impressão foi realizado no Museu de Imprensa Oficial Eloy de Souza, do DEI/RN, e contou com a colaboração do servidor Valdeci Correia dos Santos, impressor offset. Levando em conta a impressão do material e pensando na otimização do processo, foi apresentada a alternativa da composição por proporção e encaixe dos artefatos na rama (caixilho retangular de ferro ou aço), alocando o máximo de clichês possíveis (Figura 5), ajustando com espaços e guarnições, comprimindo os conjuntos com a chave de punho, para a correta fixação do material durante o processo de impressão (Figura 2). Entre o encaixe e a impressão foram realizados ajustes de altura de alguns clichês, por meio de calços dispostos na parte inferior para nivelar as peças, garantindo a qualidade e a integridade da impressão.

Figura 5: Montagem dos clichês na rama tipográfica.



Figura 6: Rama na impressora tipográfica e com clichê deslocado.



Foi realizado teste de impressão no prelo manual em folha sulfite branca A4 90g/m², mas, apesar de ser o processo mais recomendado para baixas tiragens, a pressão não foi adequada para a transferência dos conjuntos de clichês: a impressão ficou desigual e com manchas claras, prejudicando a legibilidade dos desenhos. Optou-se, então, pelo uso da impressora tipográfica de palheta Heidelberg. Foram impressas dez folhas de cada composição e um exemplar de cada conjunto foi digitalizado, as imagens individuais de cada clichê foram recortadas no *software* Adobe Photoshop e todos os arquivos foram organizados em pastas no Google Drive.

Após as análises e identificação inicial dos artefatos, os clichês foram medidos e separados por similaridade. Observou-se, na identificação das imagens, uma maior quantidade de logotipos comerciais, marcas gráficas, emblemas e brasões de entidades governamentais, monogramas, símbolos religiosos, ilustrações e autotipias desgastadas. O reconhecimento da maioria dos brasões ou emblemas, dos logotipos e marcas gráficas, foi imediato, pois várias ainda são utilizadas por entidades, instituições ou empresas conhecidas no Brasil ou no RN. Vale esclarecer que a Gráfica Manimbu comercializava e fazia a guarda de alguns clichês para clientes mais assíduos e que adquiriam peças com suas marcas/logotipos. E de acordo com a demanda, a gráfica encomendava produção de clichês específicos em clichérias ou por meio de catálogos de clichês, vinhetas e ornamentos.

Dentre os clichês com marcas comerciais e institucionais, foi possível identificar, por exemplo, o brasão da UFRN (Figura 7), o antigo escudo do ABC Futebol Clube (time de futebol regional) (Figura 8), símbolos de instituições bancárias (Figura 9) e do comércio local (Figura 10), no contexto aproximado dos anos 1970. As imagens que seguem foram obtidas a partir da digitalização das folhas com a impressão dos clichês, material que faz parte do acervo da pesquisa.

Figura 7: Impresso do brasão da UFRN.



Figura 8: Impresso do escudo do ABC Futebol Clube.



Figura 9: Impresso da marca gráfica do Banco do Brasil.



Figura 10: Impresso de logotipo do comércio local - A Iskisita.

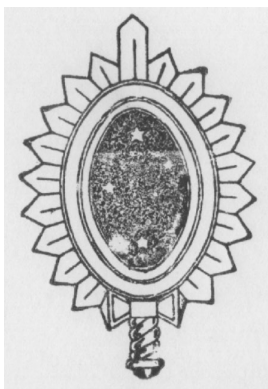


Não obstante, a partir deste levantamento foram estabelecidas as categorias: marcas gráficas, logotipo, emblemas, brasões comerciais e institucionais, monogramas, símbolos e ilustrações, autotipias, além daqueles não identificados. Nesse processo, levou-se em conta as características típicas das formas de representação. Por exemplo, os brasões são caracterizados a partir da representação dos seguintes elementos: o escudo, coroa, elmo, suportes e divisa, entre outros elementos. Nesta categoria foram incluídas imagens similares a brasões, que representam principalmente estados da federação, a maioria da região Nordeste do Brasil, e municípios do RN (Figura 11), além da representação de brasão de armas (Figura 12). Considerando o órgão governamental responsável pela Gráfica Manimbu, a FJA, e o número de clichês com esta tipologia de representação, pode-se inferir que eram impressos nesta gráfica material destas entidades ou publicações com apoio/financiamento delas.

Figura 11: Brasão da Prefeitura de Natal.

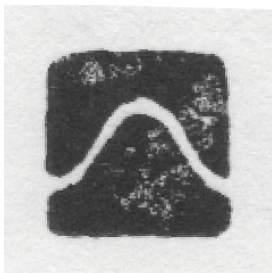


Figura 12: Brasão de armas do exército brasileiro.



Na categoria “marca gráfica”, consideram-se os sinais ou signos visuais (não verbais) utilizados para representar uma empresa, entidade ou instituição. Um exemplo é o sinal gráfico da Telebras - Telecomunicações Brasileiras S.A., empresa vinculada ao Ministério das Comunicações (Figura 13). O sinal gráfico e o logotipo foram desenvolvidos por Henrique Flanzer e Mário Duarte, que ganharam o concurso promovido em 1973 para a criação do logotipo da empresa (Telebras,n.d.).

Figura 13: Sinal gráfico da Telebras.



A maior parte dos clichês é formada por logotipos de empresas, com a representação gráfica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais [INPE], entidade criada em 1961, que se dedica a pesquisas e exploração espacial (Figura 14). Os logotipos são caracterizados por apresentarem em sua composição visual o uso de tipos - nomes ou siglas -, que podem ou não estar associados a um sinal gráfico ou a um símbolo. Na categoria “ilustração” foram inseridas as representações visuais, desenhos ilustrativos como indicado na figura 15. Já monogramas podem ser definidos como agrupamento de letras, eventualmente com outros elementos ornamentais (Figura 16).

Figura 14: Logotipo do INPE.



Figura 15: Clichê com ilustração de cegonha carregando recém-nascido.

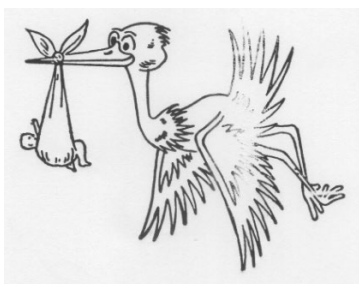


Figura 16: Monograma que representa duas letras F entrelaçadas.



Já os símbolos são usados para representar ideias, objetos ou até conceitos abstratos, como alegorias. O significado pode estar associado a valores locais, crenças, regionalismos, entre outros (Figura 17).

Figura 17: Representação de uma cruz.



Os clichês tipográficos de fotografia com meios-tons (autotípias), em sua maioria, têm relação com figuras representativas em determinados períodos, como a imagem de John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), político estadunidense e presidente dos Estados Unidos da América entre 1961 e 1963, quando foi assassinado (Figura 18).

Figura 18: Imagem de John F. Kennedy.



Alguns clichês ainda não foram identificados e este processo está em andamento, num primeiro momento por meio da busca em impressos (periódicos e publicações) da FJA e da Gráfica Manimbu, além da pesquisa no acervo de periódicos do jornal *A República*. O processo de reconhecimento tem caminhado lentamente e será necessário buscar em outros acervos como bibliotecas, na junta comercial e em coleções privadas.

Com esse material foi possível desenvolver o instrumento preliminar para a catalogação - as fichas de catalogação. Para a elaboração, levou-se em conta a padronização dos metadados, que incluem aspectos intrínsecos dos artefatos (aspectos e atributos materiais) e informações extrínsecas, que envolvem sua contextualização em tempo e espaço (Padilha, 2014). Parte dessas informações de contexto estão sendo levantadas, como mencionado, assim o preenchimento das fichas está em andamento.

4 Considerações

O estudo realizado foi importante para ampliar a compreensão sobre a cultura de impressão no RN e para ampliar a visão crítica sobre processos digitais, que não substituem sistemas de produção mecânicos consagrados. As técnicas tradicionais e atuais podem se complementar. Ademais, possibilitou a compreensão sobre sistematização de dados com a elaboração da ficha para catalogação, especificamente de artefatos como os clichês tipográficos pertencentes a um acervo. A partir da análise dos clichês tipográficos e da impressão das peças, foram levantadas características materiais das peças, ratificando o estudo desenvolvido a partir de revisão da literatura, bem como a prática de impressão tipográfica. O estudo pode contribuir para o desenvolvimento de pesquisas, incluindo o aprimoramento do sistema de documentação de artefatos gráficos.

Foi interessante observar que parte do conjunto de clichês é composta por marcas comerciais e institucionais, o que pode revelar, em certa ordem, a dinâmica econômica e cultural regional e local. A afirmação leva em conta os serviços prestados pela Gráfica Manimbu e a necessidade de impressão destas instituições, comerciais ou não, no material gráfico produzido pela entidade, sejam eles efêmeros como impressos comerciais, para divulgação e promoção cultural local, periódicos, ou livros e impressos de caráter mais duradouro.

A pesquisa revelou o precário estado de conservação do acervo de tipos móveis e dos clichês tipográficos provenientes da Gráfica Manimbu, o que comprometeu a organização inicial das peças. Isso também exigiu um tempo de limpeza das peças superior ao esperado e uma dedicação maior no processo de impressão - ajustes para a montagem e a necessidade de fazer mais cópias de alguns clichês para obter uma impressão de melhor qualidade. É importante mencionar o volume de trabalho: foram limpos e organizados cerca de 200 clichês tipográficos. A avaliação do estado de conservação dos clichês levou à reflexão sobre a importância de preservar artefatos que são “vestígios materiais da história” (Cardoso, 2018, p.10) e que contribuem para a compreensão sobre a história da imprensa local e para estudos

sobre a memória gráfica potiguar. Para garantir a preservação do acervo, caixas de madeira estão sendo confeccionadas, com base em gavetas de tipos móveis, para armazenamento do material.

Considerando a relevância do acervo estudado, inclusive para a formação do corpo discente, em especial do Bacharelado em Design da UFRN, é fundamental a preservação deste material, o que deve requerer investimento institucional para a revitalização, restauro, armazenamento e manutenção, além de investimentos para organização do Laboratório-Oficina que abrigará o acervo.

Referências

- A fotogravura: resumos técnico-práticos*. (1939). Rio de Janeiro, RJ: Photogravura Viennense/Luiz Latt & Cia.
- Acervo de clichês tipográficos e outras matrizes da editora Noa Noa*. (2022). Florianópolis, SC: Editora Noa Noa / Fundação Catarinense de Cultura.
- Almeida, E. J., & Farias, P. L. (2010). Organizando e identificando tipos: definição de método para a catalogação de tipos da oficina tipográfica da FAUUSP. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 9, 1610-1615.
- Aragão, I. R. (2010). Os tipos móveis de metal da Editora UFPE: apontamentos e descobertas. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 9.
- Aragão, I. R. (2016). *Tipos móveis de metal da Funtimod: contribuições para a história tipográfica brasileira*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. BDTD da USP. <https://doi.org/10.11606/T.16.2016.tde-01092016-154117>
- Aragão, I. R., Farias, P. L., Almeida, E. J., & Farias, A. M. (2012). Um estudo comparativo entre a catalogação dos tipos móveis da Editora UFPE e da Oficina Tipográfica da FAUUSP. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 10.
- Arquivo Nacional. (2005). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística* (Publicações técnicas, n.51). Rio de Janeiro, RJ: Autor.
- Cardoso, R. (2018). Apresentação. In P. Valadares (Org.). *Memória gráfica no agreste* (pp. 9-11). Recife, PE: CEPE.
- Carter, T. F. (1955). *The invention of printing in China and its spread westward*. (2a ed). New York, NY: The Ronald Press Company.
- Chagas, M. S. (1994). Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, 2(2), 29-47. Recuperado de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>.
- Cunha, M. B., & Cavalcanti, C. O. (2008). *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- Farias, A. M. (2008). *Tipos móveis de metal: um resgate histórico e o uso de tipos e clichês na atualidade*. [Monografia de Graduação não publicada]. Departamento de Design. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

- Farias, P. L. (2016). *Estudos sobre tipografia: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas*. [Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo]. BDTD da USP.
<https://doi.org/10.11606/T.16.2017.tde-10032017-161946>
- Farias, P., & Braga, M. C. (Orgs.). (2018). *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo, SP: Blucher.
- Febvre, L., & Martin, H.J. (2017). *O aparecimento do livro*. São Paulo, SP: Edusp.
- Fundação José Augusto. (2023, May 3). *A Fundação José Augusto*. Governo do Estado do RN.
<http://www.cultura.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=3523&ACT=&PAGE=0&PARM=&LBL=A+secretaria>.
- Fundação José Augusto, & Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine. (2004). *Fundação José Augusto 40 anos: 1963-2003*. Natal, RN: Autor.
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa* (7a ed). São Paulo, SP: Atlas.
- Lopes Neto, L. G.; Dimas, G. G.; Romani, E.; Aragão, I. R. (2019). Identificação dos tipos móveis de metal do Museu da Imprensa Eloy de Souza: uma proposta para requalificar o acervo. *Anais do Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI*, 9, Belo Horizonte. São Paulo, SP: Blucher Design Proceedings, 6(4), 2655-2662.
<https://doi.org/10.5151/9cidi-congic-6.0060>
- Melo, M.R. (1987). *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1907-1987*. São Paulo, SP: Cortez.
- Memórias da Indústria Gráfica no Rio Grande do Norte*. (n.d.) Natal, RN: Singraf/RN.
- Padilha, R. C. (2014). *Documentação Museológica e Gestão de Acervo* (Coleção Estudos Museológicos, v.2). Florianópolis, SC: FCC.
- Porta, F. (1958). *Dicionário de artes gráficas*. Porto Alegre, RS: Editora Globo.
- Strazzi, J.R., Portella, R.C.; Farias, P.L. (2015). Catalogação de tipos móveis do acervo da oficina tipográfica da FAUUSP: cavalete A. *Anais do Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI*, 7. São Paulo, SP: Blucher Design Proceedings, 2(2), 1613-1617.
https://doi.org/10.5151/designpro-CIDI2015-congic_29
- Telecomunicações Brasileiras S.A - Telebras. (n.d.). *Nossa Marca*. Brasília, DF: Telebras.
Recuperado de: <https://www.telebras.com.br/nossa-marca/>.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Helena Rugai Bastos, Dra, UFRN, Brasil <helenarugai@gmail.com>

Elizabeth Romani, Dra, UFRN, Brasil <elizabeth.romani@ufrn.br>

Leticia de M. Vieira, Graduanda, UFRN, Brasil <leticia.vieira.127@ufrn.br>

Samuel S. Mariano da Silva, Graduando, UFRN, Brasil <samuelsmarianos@gmail.com>